


ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA
Curso de Educação e Formação de Adultos NS
Trabalho Individual

	Área / UFCD	CLC7	Página 1 de 9
	Formador	Prof. Luísa Guerreiro	
	Tema	Contexto e Projecto de Vida	
	Realizado por	José F. Ramos Silva	
	Data	18-10-2010	




D. MANUEL II 35º REI DE PORTUGAL

Manuel II nasceu no Palácio de Belém, em Lisboa, cerca de dois meses depois da subida de seu pai ao trono de Portugal. Baptizado alguns dias depois, no mesmo Paço de Belém, teve por padrinho avô materno, o Conde de Paris.

Teve o tratamento e a educação tradicionais dos filhos dos monarcas da sua época, embora sem preocupações políticas, dado ser o filho segundo do rei e, como tal, não esperar um dia vir a ser rei. Como tal, é de notar que durante a infância e juventude posava para os fotógrafos com uma atitude mais ativa que o irmão. Este divertia-se com os tiques snobes do irmão mais novo, embora sempre tenham sido bons amigos. Paradoxalmente, depois de subir inesperadamente ao trono, D. Manuel teve uma atitude oposta, afastando-se regularmente dos costumes protocolares: foi o primeiro rei de

ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA
Curso de Educação e Formação de Adultos NS
Trabalho Individual

	Área / UFCD	CLC7	Página 2 de 9
	Formador	Prof. Luísa Guerreiro	
	Tema	Contexto e Projecto de Vida	
	Realizado por	José F. Ramos Silva	
	Data	18-10-2010	

Portugal a não dar a mão a beijar aos dignitários durante a cerimónia anual do Beijamão Real, a 1 de Janeiro.

Aos seis anos já falava e escrevia em francês. Estudou línguas, história e música (tendo como professor Alexandre Rey Colaço). Desde cedo se mostrou a sua inclinação pelos livros e pelo estudo, contrastando com o seu irmão, D. Luís Filipe, mais dado a actividades físicas.

Em 1907 iniciou os seus estudos de preparação para ingresso na Escola Naval, preparando-se para seguir carreira na Marinha.

O cruel atentado que vitimou o Rei e o Príncipe Real, interrompeu tal intenção pois era o herdeiro legítimo ao trono de Portugal.

Foi solenemente aclamado Rei na Assembleia de Cortes em 6 de Maio de 1908, perante os deputados da Nação, jurando cumprir a Carta Constitucional. D. Manuel manteve-se sempre fiel a este juramento, mesmo quando, já no exílio, foi pressionado a apoiar outras formas de governo para uma possível restauração. O Rei auferiu, no início, uma simpatia generalizada devido à sua tenra idade (18 anos) e à forma trágica e sangrenta como alcançou o trono. Foi então fortemente protegido pela sua mãe, D. Amélia, e procurou o apoio do experiente José Luciano de Castro.


Manuel II absteve-se de intervir directamente nos assuntos do governo, seguindo a máxima de que o rei reina, mas não governa.

No entanto, sobre um aspecto se debruçou directamente o rei, a Questão Social. Por “Questão Social” compreende-se a preocupação, por parte de alguns intelectuais e governantes, com a sorte do crescente proletariado urbano criado ao longo do séc. XIX

ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA

Curso de Educação e Formação de Adultos NS

Trabalho Individual

	Área / UFCD	CLC7	Página 3 de 9
	Formador	Prof. Luísa Guerreiro	
	Tema	Contexto e Projecto de Vida	
	Realizado por	José F. Ramos Silva	
	Data	18-10-2010	


com as mudanças impostas na sociedade pela Revolução Industrial. Em Portugal, dada a fraca industrialização, essa questão não teve o peso que teve noutros países, no entanto, o seu peso era exacerbado tanto pela crise económica do país, como pela acção reivindicativa do Partido Republicano. Assim, logo em 1909, D. Manuel convida para Portugal, a expensas suas, o Sociólogo francês Léon Poincard. Este percorreu o país com o fito de elaborar um extenso relatório. Neste documento defendia que, para se combater os clientelismos derivados do Rotativismo, se devia reorganizar o trabalho e a administração locais, em consequência do qual a reforma política viria naturalmente.

Entusiasmado, o rei escreve, em Junho de 1909, ao então Presidente do Conselho de Ministros, Venceslau de Lima, pondo-o ao corrente da recente reorganização do Partido Socialista, então unido sob a chefia de Alfredo Aquiles Monteverde, e lembrando-o da importância de uma colaboração do regime com os socialistas: “Desta maneira, vamos desviando o operariado do partido republicano e, orientando-o, o que virá a ser uma força útil e produtiva”.

Durante o seu reinado visitou várias localidades do norte do país e visitou oficialmente a Espanha, a França e a Inglaterra, onde foi nomeado cavaleiro da prestigiada Ordem da Jarreteira, em Novembro de 1909. Recebeu as visitas de Afonso XIII, Rei de Espanha, em 1909 e de Hermes da Fonseca, Presidente eleito do Brasil, em 1910.

Procurou sempre seguir uma política de aproximação à Grã-Bretanha. Este imperativo era ditado não só por uma orientação geopolítica já seguida pelo seu pai, mas também como um recurso para fortalecer o trono. Considerava-se que o casamento do rei com uma princesa inglesa colocaria definitivamente a casa de Bragança sob a protecção da Inglaterra. No entanto, a instabilidade do país, o recente regicídio e a lentidão das investigações sobre este atrasaram as negociações até que a morte do rei britânico, Eduardo VII, lhes pôs fim. O velho monarca, amigo pessoal de D. Carlos, havia sido o

ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA
Curso de Educação e Formação de Adultos NS
Trabalho Individual

	Área / UFCD	CLC7	Página 4 de 9
	Formador	Prof. Luísa Guerreiro	
	Tema	Contexto e Projecto de Vida	
	Realizado por	José F. Ramos Silva	
	Data	18-10-2010	


grande protector da Casa de Bragança e, sem ele, o governo liberal britânico não tinha especial interesse pela manutenção do regime monárquico em Portugal

Na verdade, a 4 de Outubro de 1910, começou uma revolução e no dia seguinte, 5 de Outubro deu-se a Proclamação da República em Lisboa. O Palácio das Necessidades, residência oficial do Rei, foi bombardeado, pelo que o monarca terá sido aconselhado a dirigir-se ao Palácio Nacional de Mafra, onde sua mãe, a Rainha, e a avó, a Rainha-mãe D. Maria Pia de Sabóia viriam juntar-se a ele. No dia seguinte, consumada a vitória republicana, D. Manuel II decidiu-se a embarcar na Ericeira no iate real "Amélia" com destino ao Porto.

Os oficiais a bordo terão demovido D. Manuel dessa intenção, ou raptaram-no simplesmente, levando-o para Gibraltar. A família real desembarcou em Gibraltar, recebendo-os logo a notícia de que o Porto aderira à República. O golpe de Estado estava terminado. A família real seguiu dali para o Reino Unido, onde foi recebido pelo rei Jorge V.

Em Dezembro de 1909, com apenas 20 anos visita Paris, o monarca conheceu Gaby Deslys. Actriz famosa. Entre os dois nasceu de imediato uma relação que iria durar para além do reinado de D. Manuel. Embora o relacionamento pudesse ter sido tratado de forma mais discreta (nas suas visitas a Portugal a actriz chegava a pernoitar no Palácio das Necessidades), passou despercebido em Portugal. No estrangeiro, no entanto, era notícia de primeira página, na Europa e nos Estados Unidos, principalmente depois da deposição do monarca. Nas entrevistas a que estava sujeita por motivos profissionais durante as suas viagens, Gaby Deslys, embora nunca negando o óbvio, sempre se recusou a fazer comentários públicos sobre a sua relação com o rei.

ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA
Curso de Educação e Formação de Adultos NS
Trabalho Individual


	Área / UFCD	CLC7	Página 5 de 9
	Formador	Prof. Luísa Guerreiro	
	Tema	Contexto e Projecto de Vida	
	Realizado por	José F. Ramos Silva	
	Data	18-10-2010	

Desta relação ilícita que na altura foi noticiada na imprensa britânica, tal como nos Estados Unidos, resultou que contraiu a sífilis, doença sem cura para a época e ainda de certa forma vergonhosa.

Casou mais tarde em 1913 com a princesa Augusta Vitoria, pertencente à família real Alemã mas não houve filhos, o que para os republicanos foi muito confortável pois os monárquicos com a falta de descendência foram como que sufocados tal como toda a base monárquica deste país, a população rural e afectada ao rei, ficando estes sem argumento para uma contra revolução.



ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA
Curso de Educação e Formação de Adultos NS
Trabalho Individual

	Área / UFCD	CLC7	Página 6 de 9
	Formador	Prof. Luísa Guerreiro	
	Tema	Contexto e Projecto de Vida	
	Realizado por	José F. Ramos Silva	
	Data	18-10-2010	


Durante 2ª guerra mundial tentou participar mas não foi aceite pelo governo inglês, no entanto, participou, pois ofereceu um hospital de campanha; oferta que foi paga unicamente por ele. No referido hospital foi unicamente colocada uma placa que dizia “oferecido por um português residente em Inglaterra” os soldados portugueses não tiveram o direito de saber que estavam a ser tratados num hospital porque o rei o tinha pago. Mais tarde, D. Manuel lamentou-se que o povo não tivesse o direito de saber, que ele, o rei, embora no exílio mas o rei, que tinha jurado a constituição, tinha subsidiado um grande benefício para dar algum conforto aos mártires daquela guerra, que como todas as guerras são estúpidas.

Faleceu inesperadamente na sua residência, em 2 de Julho de 1932, sufocado por um edema da glote. O Governo Português, chefiado por Salazar, autorizou a sua sepultura em Lisboa, organizando o funeral com honras de Estado.

A vida e obra de D. Manuel II mereceu e continua a merecer a admiração de muitos. A propósito da morte de D. Manuel II, disse o então Presidente do Conselho de Ministros, Dr. Oliveira Salazar: “São inúmeros, na História, os exemplos de grandes homens que, exilados por infelicidades políticas, chegaram a amaldiçoar a Pátria que os baniu; mas aqueles que como o senhor D. Manuel, foram expulsos, sem culpa, da sua Pátria, e, apesar disso, continuaram a amá-la e a prestar-lhes serviços, são ainda maiores do que os grandes”.

Face a estas palavras, não é de admirar que “...por determinação expressa do Governo da República, como reconhecimento por tudo quanto por Portugal fez, foi decidido o regresso do féretro ao seu país natal e a sua sepultura no Panteão Nacional, onde descansa junto de seu Augusto Pai e seu Irmão.

ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA
Curso de Educação e Formação de Adultos NS
Trabalho Individual

	Área / UFCD	CLC7	Página 7 de 9
	Formador	Prof. Luísa Guerreiro	
	Tema	Contexto e Projecto de Vida	
	Realizado por	José F. Ramos Silva	
	Data	18-10-2010	


Os seus restos mortais chegaram a Portugal, em 2 de Agosto, sendo sepultados no Panteão dos Braganças, no Mosteiro de São Vicente de Fora em Lisboa.

Comemora-se a queda da monarquia, no entanto, foi a monarquia que deu a independência a Portugal no século XII, foi a monarquia que restaurou a independência em 1640, foi por haver monarquia e por o povo querer um rei que D. João I é aclamado, e este povo teve a liberdade de tomar as rédeas do seu destino na crise de 1383 a 1385 começando a expansão para o mundo.



Ninguém pode dizer que este país estaria melhor ou pior, no entanto as relações de família só são possíveis quando existe família, e as monarquias da Europa são uma grande família.

ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA
Curso de Educação e Formação de Adultos NS
Trabalho Individual

	Área / UFCD	CLC7	Página 8 de 9
	Formador	Prof. Luísa Guerreiro	
	Tema	Contexto e Projecto de Vida	
	Realizado por	José F. Ramos Silva	
	Data	18-10-2010	

– Durante muitas décadas, o Povo ainda disse, em voz baixa, mas de maneira perceptível, na alma da nossa gente:

«Com as barbas do Afonso Costa
mandamos fazer um pincel,
para limpar as botinas,
do querido D. Manuel.»


Motivo da Escolha

É uma história interessante que por motivos políticos foi apagada da memória das pessoas, no entanto, na minha educação caseira ou doméstica este nome, tal como o rei D. Carlos que foi assassinado pelo Buiça, segundo a minha avó, foi sendo lembrado, pois a monarquia evitou a guerra com a Inglaterra. Houve sensatez e acatou o ultimato.

A república mandou homens para a guerra, uma guerra extremamente injusta e que o povo não compreendeu. Conheci vários combatentes chamavam-lhes os gaseados, normalmente eram pessoas com grande dificuldade de orientarem a sua família mas essas coisas não são lembradas, as histórias das famílias e individuais o tempo apaga-as, mas não esquecemos que foi a república que por total incompetência criou as condições para que tivéssemos uma ditadura de origem fascista, por quase 50 anos. Falando disso, parece que foi há muito tempo, mas, foi sim, por muito tempo.

A primeira república também foi culpada pela falte de imposição perante a comunidade internacional, o que levou a que após a 2º guerra mundial as potências emergentes

ESCOLA SECUNDÁRIA DO MONTE DA CAPARICA
Curso de Educação e Formação de Adultos NS
Trabalho Individual

	Área / UFCD	CLC7	Página 9 de 9
	Formador	Prof. Luísa Guerreiro	
	Tema	Contexto e Projecto de Vida	
	Realizado por	José F. Ramos Silva	
	Data	18-10-2010	

preferissem que Portugal, tal como a Espanha, tivesse um governo fascista, a correrem o risco de esta parte do mundo vir a ser comunista. E foi assim que o Salazar esteve tanto tempo sem ser incomodado, perdemos as ajudas do plano Marshall e depois não teve vergonha de aceitar as ajudas da **caritas internacional** na década de 50, lembro-me disso perfeitamente pois essa ajuda era distribuída nas escolas primárias. Depois na década de 60 tivemos a guerra. Enquanto na Europa ocidental a juventude vivia os vibrantes anos 60, a juventude em Portugal vivia aterrada com 3 frentes de guerra, o que tirava até a vontade de viver e divertir, foi uma juventude muito massacrada, eu diria mesmo castrada.

Foi isto, e muito que não será dito, pois temos de viver e não lamentarmo-nos, o que faz recordar o Rei que não sabemos o que traria de estabilidade e bom governo. Ninguém poderá dizer que não seria melhor que a miséria criada pela 1ª república que apenas substituiu uma burguesia por outra ainda mais ávida de poder, riqueza própria e desprezo pelo povo anónimo que somos nós os lusitanos e algarvios, para não falar de outras nações que vivem neste país.

Sobreda 25 de Novembro 2010

José F. Ramos Silva

A actividade encontra-se validada. Foi perceptível que a escolha não está relacionada, na sua óptica, com o seu próprio percurso de vida mas, igualmente, com o percurso de vida de um país.

Peço-lhe que compare esta versão corrigida com a versão do trabalho enviado anteriormente, para que possa observar alguns dos erros que foram sendo dados e que já se encontram corrigidos.

Luísa Guerreiro